

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS – RENILSON JOSÉ MENEGASSI

Adriana Beloti *
Elizabeth Labes **

A entrevista com o Professor Renilson José Menegassi objetiva discutir alguns aspectos relacionados à formação de professores e, especificamente, acerca de trabalhos voltados ao processo de ensino e aprendizagem de línguas. Entendemos que tais temáticas são sempre recorrentes quando assumimos o compromisso com uma formação inicial e continuada de qualidade, que busque contribuir de maneira significativa com a educação básica, por meio das reflexões teórico-metodológicas proporcionadas nos cursos de formação. Independente da área específica de nossa atuação, enquanto professores de cursos de licenciatura, não podemos nos esquecer de nossa responsabilidade com a formação de professores.

O professor Renilson José Menegassi é Pós-Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Doutor em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis), com pesquisas que investigaram os processos de revisão e de reescrita em textos de alunos do curso de Letras. Suas linhas de atuação são: o ensino e a aprendizagem de línguas, com destaque para os processos de leitura e escrita em situação de ensino; a formação de professor de línguas, investigando a constituição da escrita na formação inicial e continuada. Além de atuar na graduação e na Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, é líder do Grupo de Pesquisa Interação e Escrita (UEM/CNPq), que apresenta várias publicações.

Nesta entrevista, Renilson José Menegassi discorre sobre a formação de professores, sobre o trabalho com a língua portuguesa em sala de aula e, também, sobre o processo de produção textual escrita.

Para iniciar a conversa, vamos falar sobre uma questão mais ampla, que diz respeito à formação de professores. Atuar em curso de formação de professores requer conhecimentos que vão além do conteúdo que é especificamente trabalhado em cada disciplina. Como o professor vê a relação teoria-prática estabelecida nos cursos de formação inicial?

Renilson José Menegassi: A relação teoria e prática (destaco como dois nomes, não como um binômio) é um dos maiores entraves na formação docente, seja ela

inicial ou continuada. Especificamente na formação inicial, eu afirmaria que há realmente uma distinção que se apresenta entre teoria e prática, daí minha opção pela separação dos termos em dois aspectos. Os cursos superiores no país ainda estão fundados em pressupostos positivistas que estabelecem distinção entre a teoria e a prática, considerando-se esta como questão menor a ser trabalhada e discutida com os professores em formação. Assim, há muito discurso sobre como isso se efetiva, contudo, há uma prática disseminada de que o acadêmico deve receber teoria na Instituição Superior, algumas poucas orientações metodológicas, para que possa efetivar sua prática diretamente na situação de ensino, isto é, o velho ditado de que só se aprende a fazer, fazendo. Trocando em bom português: aprende-se a ministrar aulas, ministrando. Pois bem, eu não concordo com essa posição de muitos colegas. Penso que no meio dessa afirmação há outra, muito pertinente: aprende-se a ministrar aulas com um mediador que ofereça orientações teórico-metodológicas, com propícios modelos didáticos, para que se possa realizar a docência com adequação, a partir de parâmetros adequados. Nesse sentido, na relação teoria e prática na formação docente inicial, ainda temos muito a teoria como peso maior, deixando a prática para uma situação que só levará o professor a um estado de ansiedade nada prazeroso para seu início de carreira. Penso que ainda há falhas que precisam ser repensadas, mas isso envolve a mudança de paradigma da formação docente inicial no país como um todo.

Quando pensamos no processo de ensino e aprendizagem de línguas, a leitura tem ocupado grande espaço nas discussões acadêmicas. Ultimamente, porém, as pesquisas sobre o processo de escrita têm tido um avanço significativo. Em sua opinião, o que tem motivado as pesquisas sobre escrita?

Renilson José Menegassi: O século XXI é um século de comunicação escrita. Para isso, precisamos de leitura, pois não tenho como escrever sem também realizar a leitura do que eu escrevo. Hoje, a escrita é utilizada em inúmeras situações. Diria, ou melhor, afirmaria categoricamente, que há muita escrita acontecendo na atualidade, mais até do que a interação pela fala, em certos casos. Alguns exemplos disso: a) os jovens, estando presente no mesmo ambiente, trocam mensagem entre si pelos diversos sistemas de comunicação que existem implantados em seus aparelhos celulares; b) os casais, sejam eles em processo de namoro, de casamento, até mesmo de divórcio, empregam a troca de mensagens por celular, por e-mail, por *Twitter*, por *Facebook* ou outro aplicativo que exista, para manter comunicação; c) os

cursos *online* de preparação a distância, em todos os níveis possíveis, mantêm o indivíduo em processo constante de escrita para cumprir os requisitos solicitados em avaliação; d) os processos seletivos, em quase todas as instâncias atuais, solicitam avaliações escritas, investigando, em alguns casos, o nível do traçado das letras, para saber se a caligrafia do candidato é legível ou não, além, é claro, dos aspectos formais da língua e o discurso empregado. Estes são apenas alguns dos exemplos que podem ser citados, para se notar como a escrita se tornou um campo fértil de pesquisa.

Além disso, uma questão que deve ser ressaltada é a importância que a escrita tem na formação e desenvolvimento da consciência do ser humano. Pela linguagem oral, em função do grupo social em que o indivíduo se encontra, a organização do seu pensamento se orienta. A partir dessa organização, ele fará a constituição da escrita. Esta, por sua vez, reestrutura a consciência humana. Assim, quanto mais o indivíduo emprega a escrita, quanto mais ele escreve, mais terá que organizar sua consciência, pois sobre ele está a noção de interlocução, isto é, a consideração de que deve escrever para alguém situado socialmente, com posição marcada, deve escolher o gênero discursivo certo para manifestar seu intuito de dizer. Dessa forma, a busca pelo desenvolvimento da escrita atualmente é uma necessidade humana para compreender a nós mesmos e, certamente, nossas formas de comunicação escrita atuais.

Os professores da educação básica, recorrentemente, têm afirmado que os meios digitais, celular e redes sociais, por exemplo, que configuram fortemente a interação na sociedade contemporânea, têm influenciado a escrita dos alunos. Para o professor, como esse aspecto deve ser considerado para o trabalho com a escrita em sala de aula?

Renilson José Menegassi: A escrita produzida nas mídias digitais é diferente da escrita produzida pela escola. As pesquisas sobre Tecnologias de Informação demonstram que a incidência de produção escrita pelos jovens é alta, o que demonstra que efetivamente empregam essa habilidade no dia a dia. Não se pode deixar de lembrar que esses mesmos jovens aprenderam a escrever na escola, constituíram suas habilidades escritas por lá. Porém, num processo natural de evolução, a sociedade modificou suas formas de escrita, em função dos leitores, dos gêneros discursivos que surgiram, dos meios de circulação e também das diversificações de suporte em que as encontramos. Nesse aspecto, a escola tornou-

se arcaica, isto é, não evolui na mesma proporção em que a sociedade evolui. Na escola, ensina-se e solicita-se escrita que não manifesta sentido ao aluno, função na sociedade, o que o leva a negar sua produção. Com isso, é mais do que natural que os alunos queiram levar para a sala de aula a forma como escrevem nas mídias digitais sociais. É um impasse que devemos repensar e buscar soluções. Penso que é uma perspectiva de pesquisa para auxiliar na compreensão desses comportamentos atuais e constantes. São novos letramentos. São novas formas de escrever. A escola precisa se modernizar, repensando inclusive se realmente é a *internet* que está mudando a escrita dos jovens ou se é um processo natural de evolução, como muitos outros aconteceram nesses cinco mil anos de existência da escrita. Convido a todos para refletir!

Em sua opinião, os cursos de Pedagogia e Letras, que respondem diretamente pelo ensino da escrita nas escolas, têm dado formação teórico-metodológica necessária para tal ensino? Em caso negativo, qual é a lacuna e o que poderia ser feito?

Renilson José Menegassi: Penso que boa parte desta questão já foi respondida na primeira pergunta. Os cursos de licenciatura, de modo geral, não somente Letras e Pedagogia, falham na formação teórico-metodológica. Há mais formação teórica. Quase não há formação metodológica. Constituíram-se no país, durante as duas últimas décadas, noções de que não há “receita pronta para se ensinar”, isto é, não há perspectiva metodológica a ser ensinada ao professor. Ledo engano! Ninguém consegue desenvolver estratégias de ensino eficiente se não tiver um modelo didático que lhe mostre como fazer inicialmente. Assim, a lacuna existe e precisa ser preenchida. Para isto, é necessário que se altere a forma de pensar a formação docente inicial, até mesmo a continuada, que se rompem os paradigmas positivistas que ainda imperam sobre todos. E mais, que se afastem os pressupostos políticos ideológicos que tanto atrasam nossa educação, que também reinam nas Instituições de Ensino Superior do país. Uma proposta para preencher essa lacuna é o estabelecimento de estudos em que aspectos teóricos e metodológicos sejam discutidos com os professores em formação, colocando-os para refletir sobre as práticas descritas e possíveis práticas efetivas, dando-lhes condições de despertar a consciência técnica dos conhecimentos necessários e também a consciência pragmática da execução da prática em situação de ensino. São caminhos que começam a aparecer na nossa realidade de formação docente, mas ainda de

maneira muito insípida.

Por muito tempo, as correções do professor no texto do aluno restringiam-se ao apontamento de aspectos estritamente linguísticos, considerados como erro. Suas pesquisas atuais voltam o olhar para os processos de revisão e reescrita, que consideram toda a situação de produção do discurso escrito. Considerando essa perspectiva, quais seriam as possibilidades de o professor intervir no texto do aluno para desenvolver a capacidade linguístico-discursiva?

Renilson José Menegassi: O desenvolvimento da capacidade linguístico-discursiva de um indivíduo, na produção escrita, deve ser orientada, isto é, o mediador, no caso, o professor, deve saber como ele tem desenvolvida esta capacidade em si próprio, para conseguir também desenvolvê-la no aluno. Para isto, o professor deve saber como teórico-metodologicamente o processo de escrita, especificamente, a revisão e a reescrita, ocorrem e se processam em situação de ensino. Assim, sabendo como e quais são as operações efetuadas na revisão do texto do aluno, o professor poderá entender como se caracterizam as operações na reescrita, dessa forma, poderá intervir melhor. A constituição do discurso é um mecanismo que ocupa posição social definida. Um aluno que não participa de eventos e práticas de letramento em que a escrita se caracteriza como prioritária, apresenta algumas dificuldades maiores do que aquele que participa efetivamente. Dessa forma, o convívio com a escrita, seja na sua forma de recepção, em leitura, seja na sua produção, em escrita, inicia-se em casa, no convívio social da família, estendendo-se ao grupo de amigos e à escola. Se esses dois outros grupos não manifestam escritas, certamente o aluno não terá objetivo para escrever. Manifestar escrita significa ter objetivo com sentido social definido para se escrever, não somente produzir escrita para ser avaliado, como se faz na escola. Nessa perspectiva, o aluno consegue, no seu grupo social de amigos, produzir muita, mas muita escrita, porque o nível de avaliação ali estabelecido é o da comunicação, o da participação no grupo, não o da avaliação sobre o quê e como escreve. Com isso, penso que o desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas poderiam se iniciar pelos textos que circulam fora da escola, os quais muitas vezes são trazidos para a sala de aula. É uma proposta a ser ainda mensurada e constatada.

Por sua vez, há outro ponto marcado no questionamento oferecido para reflexão, que é a escola e como o professor consegue desenvolver essas capacidades de forma didática e pedagógica, isto é, efetivamente nas práticas de escrita solicitadas

e avaliadas na escola. Para tanto, seus conhecimentos do processo não devem ser superficiais e generalizantes, mas sim, técnicos, científicos. Ampliar o discurso de um indivíduo é mudar sua vida, para isto, é preciso primeiro que essa pessoa seja consciente do que deseja. Além do mais, o professor também deve ser consciente de que sua função não é apenas a de mediador, é a de formador de um ser socialmente posicionado. Ainda vejo que estamos buscando respostas mais precisas a essa intervenção, porém, chegaremos lá. Eu sou, por natureza, otimista, muito otimista, pois acredito muito no ser humano.

Notas

* Adriana Beloti é doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), área de Ensino e Aprendizagem de Línguas. Atualmente, é professora assistente do colegiado de Letras da UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão. E-mail: dribeloti@gmail.com

** Elizabeth Labes é doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Araraquara) e professora adjunta do colegiado de Letras da UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão. E-mail: bethlabes@uol.com.br

Recebido em: agosto de 2014.

Aprovado em: setembro de 2014.